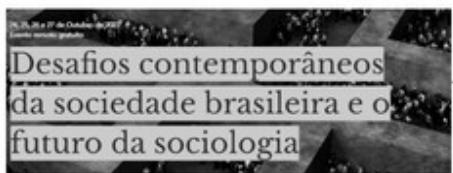


GT05 – Imigrações internacionais contemporâneas: novas abordagens teóricas e metodológicas e novos recortes empíricos e temáticos

Imigração qualificada, identidade e corpo: estudantes estrangeiros da Universidade Federal de Sergipe

Carolina Olmedo Méndez
(PPGS/GEPPIP/UFS)



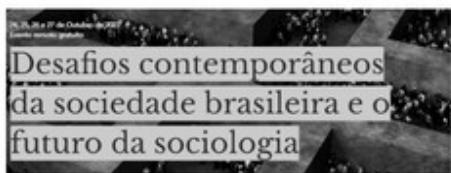
Imigração qualificada, identidade e corpo: estudantes estrangeiros da Universidade Federal de Sergipe

Carolina Olmedo Méndez

Introdução

O presente trabalho é resultado da minha dissertação de mestrado em Sociologia defendido no ano de 2021 que teve como objeto de estudo o corpo e suas modificações no contexto migratório. O corpo, nesse caso, como uma forma de pensar a identidade do indivíduo em mobilidade. Estamos considerando mobilidade o caso dos alunos estrangeiros que vieram seja por convênio ou que vieram morar no Brasil por outras motivações e estudam na Universidade Federal de Sergipe, já que por meio de tal experiência se contesta a identidade do corpo do imigrante que também é problematizado, visto que muitas vezes são seus traços fenótipos que o denunciam como quem é de fora.

Em trabalhos que abordam a discussão da interseção temática entre imigração e corpo encontramos Mancillas - López (2016) que discute o itinerário do corpo migrante situando-o dentro da cadeia produtiva na indústria têxtil em São Paulo. Por sua vez Nunes (2018) aborda a “bagagem” que o imigrante traz em seu corpo a partir da perspectiva da psicologia cultural e da fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty. Também Karina Ishimori (2005) trata da questão corporal do imigrante sob a perspectiva da análise dos sentidos e significados de ter um corpo oriental no Brasil. Em Alexandre Vale (2007) encontramos as narrativas de travestis e transgêneros e os motivos que os levaram a migrar. Por outra parte o estudo de Clara Saraiva (2015) apresenta a partir da morte o papel do corpo na manutenção da relação com o espaço de origem por meio de rituais funerários transnacionais. Por fim Simone Hashiguti (2008) desenvolve seu trabalho tratando do corpo a partir da perspectiva da linguagem.



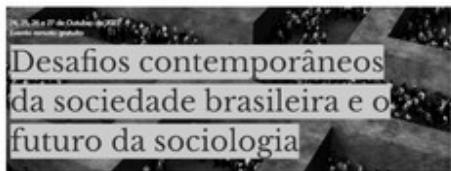
O sujeito imigrante, assim, vivencia um duplo pertencimento: por um lado mantém seus vínculos com o seu lugar de origem; e por outro lado constrói novas relações na sociedade receptora. Desta maneira tensiona seu sentido de pertença já que em seu novo contexto ele aspira ser integrado.

Nessa dinâmica, se reconhece também em sua corporeidade, principalmente em se tratando do contexto brasileiro, onde o corpo é bastante valorizado e para tal demanda seus cuidados, o imigrante passa a pensar sobre seu corpo suscitando desejos de praticar nele alguma mudança com a intenção de melhorar sua aparência. Considerando que a experiência migratória permite certas liberdades, produzidas pelo distanciamento do lugar de origem e dando uma flexibilidade para provocar em seus corpos mudanças que não o fariam em seu lugar de origem, tais modificações são suscitadas a partir da relação com os nacionais.

A partir do exposto, as hipóteses que levantamos são as seguintes: (a) o vínculo que é mantido com o país de origem condiciona os tipos de modificações que podem realizar em seus corpos; as formas como são mantidos esses vínculos (mediante viagens, ligações, videochamadas) influenciam na decisão do imigrante de realizar alguma mudança em seu aspecto corporal, ou ainda; (c) a modalidade migratória (trabalho, qualificação profissional, estudo, afetivo) condiciona a tomada de decisão pela alteração de sua aparência física; tudo a partir da compreensão do corpo como uma forma de pensar a identidade.

O objetivo geral da presente pesquisa é compreender em que medida a manutenção das relações e dos vínculos com o país de origem compromete a dimensão da corporeidade do imigrante no que se refere às mudanças empregadas ou não no seu corpo.

Como objetivos específicos: (a) destacar como são mantidas as relações e os vínculos entre o imigrante e seu país de origem e o sentido delas nas decisões que o imigrante toma relativos a seu corpo; (b) identificar os elementos identitários que não são



negociados ou questionados no contexto migratório no sentido de não ousar serem modificados; (c) indagar as consequências nas relações ou nos vínculos entre os imigrantes com os que permanecem em seu país de origem diante de mudanças provocadas em seus corpos.

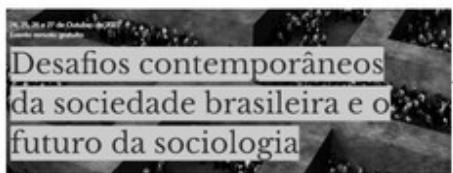
Ressaltamos a importância deste estudo por representar uma outra perspectiva dos estudos migratórios, já que muito se tem estudado o imigrante a partir de perspectivas políticas (UEBEL, 2016), do direito e legislação (FIGUEREDO, ZANELATTO, 2016), da demografia (OLIVEIRA, SILVA, OLIVEIRA, 2019), da história (GERHARDT, 2011), e do mercado onde estes são a mão de obra (CAVALCANTI, OLIVEIRA, TONHATI, 2015), e não tanto assim o seu corpo, um elemento constitutivo de sua identidade e que, muitas vezes, evidencia sua procedência causando estranhamento ou curiosidade, o que pode repercutir nas suas relações sociais.

A nossa abordagem dentro dos estudos migratórios prioriza a modalidade migratória conhecida como migração qualificada e dentro das migrações qualificadas consideramos a mobilidade estudantil de acordo com Pedone e Alfaro (2018) já que nosso foco são os estudantes estrangeiros na UFS.

Esta pesquisa se caracteriza por ser um estudo exploratório já que se trata de um trabalho que aborda uma questão pouco explorada que é a imigração e o corpo, neste caso, o corpo de estudantes em mobilidade. Por meio de observação direta no dia a dia na universidade, no convívio com outros estudantes estrangeiros como eu e através das reuniões junto ao grupo de pesquisa fui criando a minha amostra que se constituiu em “bola de neve¹”.

Na metodologia, utilizamos o método quantitativo para a coleta de dados secundários que nos permitiram identificar e localizar os estudantes estrangeiros dentro

1 [...] a técnica Bola de Neve é uma forma de amostra não probabilística utilizada em pesquisas sociais onde os participantes iniciais de um estudo indicam novos participantes que, por sua vez, indicam novos participantes e assim sucessivamente, até que seja alcançado o objetivo proposto ou o ponto de saturação [...]. 3 Metodologia - DBD PUC RIO http://www2.dbd.puc-rio.br/1112879_2013_cap_3.p.47



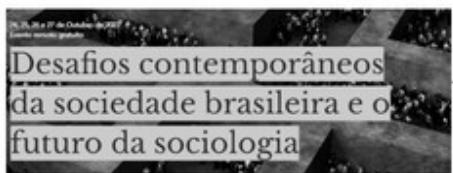
da universidade, e nos servimos de método qualitativo para a coleta de dados primários, realizado por meio de entrevista de profundidade com roteiro semiestruturado. A análise dos dados foi feita baseados nos conceitos advindos do referencial teórico, tais como Sayad (1998), Durand; Lussi (2015), Woodward (2000), Cuche (2002), Castells (2000), Emirbayer (1997), Le Breton (2012).

A pesquisa tem avançado no reconhecimento do objeto de estudo que já vem sendo trabalhado desde o ano de 2016. Desde então, realizada a pesquisa bibliográfica de forma a conhecer o estado da arte sobre o assunto, foram realizadas novas leituras a partir desse levantamento. Inicialmente o tema pesquisado fez parte de um projeto de iniciação científica e posteriormente minha monografia defendida em dezembro de 2018.

Em ambas etapas mencionadas do processo de pesquisa o universo empírico contemplou em sua maioria estudantes estrangeiros na UFS, no mestrado, a intenção para dar continuidade à investigação foi ampliar o universo para professores e técnicos estrangeiros, porém em decorrência da pandemia da Covid-19 nos limitamos a trabalhar, novamente, apenas com os alunos.

Do ponto de vista das Ciências Sociais e da Sociologia o trabalho se justifica pela importância do corpo para a sociologia, particularmente para a sociologia do corpo considerando Le Breton como seu expoente, assim, buscar contribuir para preencher uma lacuna de uma temática pouco desenvolvida nessa sociologia, que é a discussão migratória.

Sobre a relevância social do nosso estudo argumentamos que se trata de explicitar, dar visibilidade e inteligibilidade tanto a formas mais sutis, quanto explícitas de estigmatização, de preconceito, de formas de lidar, de resistir, de transgredir com esses estigmas. Desta maneira se observam expressões de relações de poder via a produção social do corpo como também se trata da questão do preconceito vivenciado por imigrantes. Por outro lado, a diferença que é a “marca” do imigrante, o preconceito contra este diferente também se expressa via o corpo.



Imigração e Processos Identitários

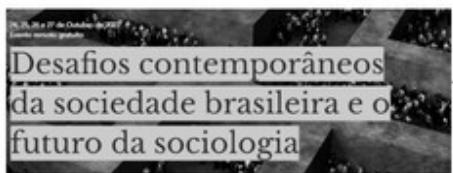
O ponto de partida para a investigação está na ideia de que o sujeito quando entra na experiência da mobilidade vivencia um paradoxo entre o permanente e o provisório: permanente por encontrar-se fixo num determinado lugar, porém, fora desse lugar de origem; e provisório no sentido de não ter rompido as relações e os vínculos com este tensionando, assim o seu sentido de pertença à sua cultura de origem.

O percurso de integração na sociedade de acolhida faz com que o imigrante passe pelo processo de se reconhecer também em sua corporeidade, o que não significa que não o tenha feito antes em seu local de origem, porém a vivência da mobilidade lhe proporciona, de certa maneira, uma liberdade produzida pelo distanciamento do seu lugar de referência, flexibilizando assim as possibilidades de intervir sobre seu corpo e provocando nele mudanças que são suscitadas a partir da confrontação nas relações estabelecidas com os nacionais.

Partindo da compreensão do corpo como uma possibilidade de se pensar a identidade, o delineamento desta proposta está em analisar, a partir da perspectiva sociológica relacional (Emirbayer, 1997), de que maneira o imigrante que, estabelecendo suas relações com os nacionais da sociedade de acolhida e mantendo seus vínculos com seu lugar de origem, compromete a dimensão da sua corporeidade enquanto a modificação de sua aparência se refere. O recorte empírico consiste no universo formado por estudantes estrangeiros da UFS.

A principal motivação para as modificações corporais relatada no trabalho de monografia concluído em 2018 está na ideia que os imigrantes entrevistados manifestaram ter do Brasil, onde, segundo eles, as pessoas exibem muito o seu corpo e, portanto, os imigrantes sentem uma demanda maior de atenção e cuidado aos próprios corpos. Estas duas dimensões foram mencionadas pelos sujeitos como questões que não se apresentavam como assuntos de interesse a respeito de seus próprios corpos em seus lugares de origem, e que pela experiência da mobilidade foi suscitada.

Com base na afirmação de que o imigrante é um sujeito produtor de diversidade e

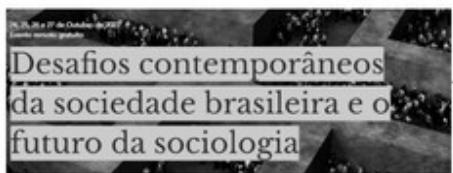


estranhamento e que muitas vezes são seus traços fenótipos, a fala da língua, sua forma de vestir, de relacionar- se, que o denunciam como aquele que “não é daqui”. Estas características se encontram dentro dos chamados “marcadores identitários”, que ora são acionados, ora se investe esforço para invisibilizá-los, e podem também ser entendidos como fronteiras que se transpõem em vista da integração na sociedade de acolhida.

Compreendemos por identidade como sendo construída, mantida e redefinida a partir das experiências relacionais, a questão identitária surge quando se está numa relação de diferença e isto passa pelo corpo. O aspecto relacional dos processos identitários são abordados por Woodward (2000), Castells (1999), Cuche (2002), Ennes e Marcon (2014) ou seja, é a partir da relação com o outro que passamos a nos reconhecer e afirmar em nossa identidade. Assim, as diferenças que são evidenciadas encontram no contexto migratório terreno fértil, porque “o outro”, que é estranho, instiga a uma reflexão sobre si mesmo e isto, no caso do imigrante, se torna uma questão inevitável, uma vez que este se encontra numa sociedade dominante na qual se reconhece muitas das vezes como totalmente diferente, e vê-se na necessidade de repensar-se a partir de sua experiência de mobilidade.

Portanto, o imigrante que é portador de uma identidade, se reconhece em sua alteridade no novo contexto em que se insere, esta identidade em sua dimensão corporal é o que interessa na nossa pesquisa porque entendemos que o corpo tem uma dimensão relacional, já que é por meio dele que estamos e somos no mundo, é com ele que nos relacionamos e, assim sendo, qualquer mudança que nele possa ser praticada afeta as relações sociais.

Para compreender a figura do imigrante como este sujeito que pela sua experiência de mobilidade se encontra numa circunstância em que tudo muda para ele, em que transpõe não somente as fronteiras territoriais, mas também as identitárias, Abdelmalek Sayad (1998) questiona a respeito de quem é, afinal, o imigrante, e de como se forma a ideia que se tem deste ser que se insere numa ambivalência a partir do seu estado de permanência ou provisoria. Desenvolvido a partir da observação da imigração de argelinos na França, em seu trabalho que é um clássico dentro dos estudos



migratórios, o autor supracitado pretende compreender como se define este sujeito e as implicações desta definição, também o autor aborda a imigração como objeto de estudo da sociologia.

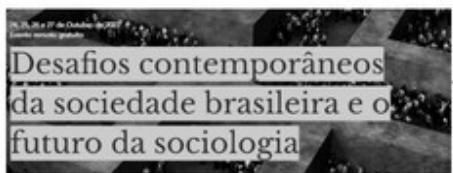
Durand e Lussi (2015) apresentam a relação que existe entre a mobilidade humana e outras mobilidades que se refletem ou revelam pela globalização mediante os mecanismos sociais e econômicos atuais. Sendo assim os autores chamam a atenção para a necessidade de “[...] considerar a complexidade que o tema das migrações envolve, nas conexões que estabelece com outros fenômenos” (DURAN; LUSSI, 2015, p. 44).

Nesta complexidade do fenômeno da mobilidade humana se encontram, segundo os autores, outras mobilidades que são ativadas pelos sujeitos e os grupos que compõem os fluxos migratórios, estas são a mobilidade das ideias, meios de transporte, meios de comunicação e instituições. Embora estas mobilidades aconteçam independentes do fato migratório, elas ocorrem no processo de globalização, porém, no contexto migratório são determinadas por ele (DURAND; LUSSI, 2015, p. 45).

Dentro dos estudos migratórios também vale ressaltar a mobilidade acadêmica que se encontra dentro das migrações qualificadas. Se na década de setenta a migração qualificada era para a região norte do globo (Estados Unidos, Canadá e Europa), na América Latina, com os governos progressistas em 2003 houve uma reestruturação dos sistemas de ciência e tecnologia e a implementação de políticas públicas e repatriação de profissionais. Acontece assim o deslocamento sul-sul e países como México, Argentina, Brasil, Chile e Equador passaram ser destinos de novos fluxos de migração qualificada.

[...] Así, la movilidad intrarregional de estudiantes se reconoce como una problemática que resalta la presencia de nuevos perfiles y, en consecuencia, el reconocimiento de otras causas y otros efectos dentro de lo que se denomina el estudio de la migración cualificada (PEDONE, ALFARO, 2018, p. 3)

De acordo com as autoras, internacionalização do ensino superior levou a uma outra linha de investigação sobre a imigração e que no México ganhou força, trata-se da categorias de análises “mobilidade acadêmica” e a “diásporas científicas” para o estudo das trajetórias acadêmicas e migratórias dos grupos nacionais e estrangeiros como



também as saídas para o exterior em busca de estudos de pós-graduação e as estratégias de inserção laboral no país de destino uma vez culminado os estudos (PEDONE, ALFARO, 2018, p. 6).

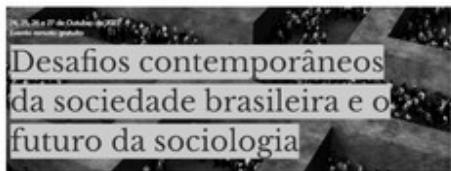
As autoras Cristina Vega e Carmen Gómez iniciam o seu artigo com a seguinte afirmação: “La movilidad en educación superior ha sido tratada generalmente como un tema secundario en los estudios sobre migraciones cualificadas” (VEGA, GÓMEZ, 2018, p. 71).

Dentro da promoção da expansão da internacionalização do ensino superior se encontra mobilidade de acadêmicos e estudantes. Os estudos sobre a mobilidade em educação superior têm sido abordados a partir das migrações qualificadas (VEGA, GÓMEZ, 2018, p. 73). A mobilidade acadêmica é vista como algo positivo pela maioria dos atores envolvidos, afirmam as autoras. Os estudantes disseram que é uma forma de assegurar-se no futuro uma mobilidade social ascendente (VEGA, GÓMEZ, 2018, p. 76).

Na reflexão sobre a identidade dos imigrantes, focando na sua reconfiguração de acordo com Lesser (2001) que aborda o tema da “hifenização”, o autor expõe o processo da construção da identidade dos imigrantes no Brasil e principalmente suas lutas para serem reconhecidos dentro da brasilidade sem abrir mão de sua identidade “pré-migratória” formando-se assim uma identidade “hifenizada”.

Por “hifenização”, Lesser (2001) entende a forma como estes imigrantes açãoaram alguns marcadores identitários como, por exemplo, a língua por meio de poesias e outros documentos escritos em seus respectivos idiomas que serviram como estratégia privada de manutenção cultural e identitária. Tal manutenção indica a delimitação de uma fronteira e são as “fronteiras étnicas” apresentadas por Barth (1998) a outra categoria abordada que trouxe a contribuição para pensar a relação interétnica no contexto migratório. Pensar na hifenização para nosso estudo é refletir como os estudantes imigrantes açãoam seus marcadores identitários como forma de manutenção da sua identidade pré-migratória.

Para introduzir o leitor no entendimento sobre a identidade que o presente trabalho aborda é importante ponderar que a alteridade tem relação inerente com a



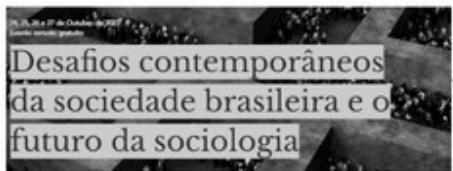
identidade. Sendo assim, Kathryn Woodward (2000) propõe que a definição da identidade e da diferença, categoria na qual o imigrante é comumente inserido, já que ele é visto como alguém que é diferente ou que tem algo de diferente, depende de como elas estão associadas entre si. Este ser diferente do imigrante é muitas vezes motivo de estranhamento ou curiosidade que pode ocasionar aproximação ou rejeição da parte dos nacionais.

A autora também se refere ao social e ao simbólico como sendo “[...] processos diferentes, mas [...] necessários para a construção e a manutenção das identidades” (WOODWARD, 2000, p. 14) e que quando algo é marcado simbolicamente significa que por meio dela é atribuído sentido às práticas e relações sociais e se define quem pertence e quem é excluído, isto não é outra coisa senão uma forma de classificar as diferenças nas relações sociais. Em se tratando dos imigrantes este fator de classificação pela diferença é bastante recorrente.

Diante do que atualmente é argumentado sobre a existência de uma “crise de identidade”, Woodward (2000) enfatiza que é preciso analisar a formação das identidades e os processos que nela estão envolvidos como também cabe a pergunta sobre “[...] em que medida as identidades são fixas ou, de forma alternativa, fluidas e cambiantes” (WOODWARD, 2000, p. 16).

Segundo Woodward (2000), como resultado da globalização, encontra-se a migração, ressaltando que este fenômeno tem seu impacto não somente sobre o país que acolhe como também sobre o de origem. A autora afirma que a migração “[...] produz identidades plurais como também identidades contestadas, em um processo caracterizado por grandes desigualdades” (WOODWARD, 2000, p. 21), desta maneira a mobilidade de pessoas produz identidades localizadas e moldadas em e por diferentes lugares.

Denys Cuche (2002, p. 176) ressalta que “[...] De maneira mais precisa, a recente moda da identidade é o prolongamento da exaltação da diferença [...]. Cuche (2002) expõe o conceito de identidade cultural, ideia que, segundo o mesmo autor, surgiu nos Estados Unidos quando pesquisadores na área da psicologia social na década de 1950,



pretendiam encontrar ferramentas adequadas que permitissem investigar as questões que tem a ver com a integração dos imigrantes. Deste ponto de vista, segundo o autor, a identidade cultural foi compreendida inicialmente como sendo algo imutável e que determinava a conduta dos indivíduos, mas que logo foi superado por ideias que apontam a identidade como algo que está intrinsecamente ligada ao contexto relacional, e afirma que “[...] a identidade permite que o indivíduo se localize em um sistema social e seja localizado socialmente” (CUCHE, 2002, p. 177).

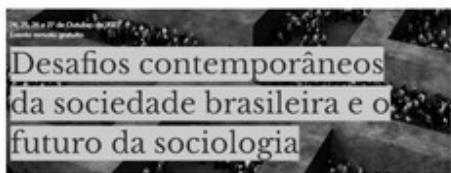
Denys Cuche (2002) apresenta também o paradoxo em que se situa a identidade, pois, diz ele que:

“[...] é ao mesmo tempo inclusão e exclusão: ela identifica o grupo (são membros do grupo os que são idênticos sob um certo ponto de vista) e o distingue dos outros grupos (cujos membros são diferentes dos primeiros sob mesmo ponto de vista)” (CUCHE, 2002, p. 177).

Apresenta-se desta forma, segundo o autor, a identidade cultural como uma forma de categorizar a distinção entre “nós” e “eles” e ressalta que esta perspectiva tem sua base fundamentada na diferença cultural e certamente aqui cabe fazermos referência à imigração.

Quando o autor faz referência à identidade e diferença coloca a ideia da relação que existe entre a “identidade e a alteridade”, pois afirma que nenhuma identidade existe por si mesma nem para si mesma. Segundo Pierre-Jean Simon (SIMON, 1979, p. 24 *apud* CUCHE, 2002, p. 184), “[...] A identidade é sempre uma concessão, uma negociação entre uma ‘auto-identidade’ definida por si mesmo e uma ‘hetero-identidade’ ou uma ‘exo-identidade’ definida pelos outros” (SIMON, 1979, p. 24 *apud* CUCHE, 2002, 184). Desta forma, reitera-se a afirmação de que a diferença é inerente à identidade.

Outra questão levantada pelo autor é a “multidimensionalidade” da identidade, apresentando como exemplo a chamada “dupla identidade” que pode ser mais bem compreendida no caso específico dos imigrantes. Cuche (2002, p. 193) salienta que a “dupla identidade” é vista como algo negativo, pois ela se associa a uma “dupla lealdade que é veiculada pela ideologia nacional” o que denota uma “incapacidade de pensar o misto cultural”. A este respeito a autor também apresenta uma forma de pensar a

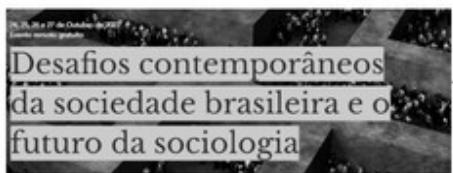


identidade, a qual chama de “identidade sincrética”, que seria o resultado de uma síntese de várias identidades que um indivíduo pode adquirir uma vez que este se encontra fazendo parte de várias culturas, assim, ela depende do contexto e das situações particulares.

Outro ponto fundamental na discussão sobre a identidade apresentada por Cuche (2002) está na ideia das “estratégias de identidade”. Sobre este assunto, o autor ressalta que: “[...] O conceito de estratégia indica também que o indivíduo, enquanto ator social, não é desprovido de certa margem de manobra. Em função de sua avaliação da situação, ele utiliza seus recursos de identidade de maneira estratégica” (CUCHE, 2002, p. 196), estes recursos podem ser, por exemplo, a língua de forma que permita que o indivíduo seja reconhecido como “diferenciado”. Manuel Castells (2000) é outro autor cujo trabalho foi revisado e que também contribuiu a partir de sua reflexão sobre a construção da identidade, que de forma mais específica é abordada por ele em sua dimensão coletiva. Assim, Castells (2000) afirma entender por identidade focando nos atores sociais e declara que se trata de “[...] um processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados, o (os) qual (ais) prevalece (m) sobre outras fontes de significado” (CASTELLS, 2000, p. 22). Sobre o sentido aplicado à palavra “significado”, o autor esclarece que faz referência àquilo que orienta a “ação praticada” pelos atores sociais.

Castells (2000) propõe pensar a construção da identidade coletiva a partir de perguntas, que segundo ele ganham a sua relevância sociológica e indaga: “[...] como, a partir de quê, por quem e para quê [...] essa identidade é construída” (CASTELLS, 2000, p. 23) e aqui cabe pensar, segundo o autor, que “[...] a construção social da identidade sempre ocorre em um contexto marcado por relações de poder [...]. (CASTELLS, 2000, p. 24).

Marcelo Ennes e Frank Marcon (2014) fazem uma reflexão crítica sobre os usos do conceito de identidade nas Ciências Sociais, que muitas vezes é aplicada de forma superficial e propõem “[...] tratá-la como um fenômeno social dinâmico e em processo, implicado fundamentalmente por relações de poder” (ENNES, MARCON, 2014, p. 274).



Os autores apresentam também quatro elementos que consideram ser constituintes da identidade e que devem ser levadas em consideração no momento de pensar sobre este aspecto da vida social: os atores, as disputas, as normas e os contextos.

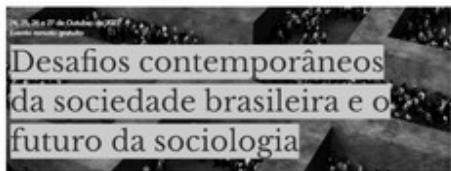
Quando se trata de observar os atores, Ennes e Marcon (2014, p. 294) propõem considerar as relações de interdependência entre os indivíduos que existem nas relações sociais, a partir desta ideia é abordado o aspecto dinâmico da identidade. A noção de pertencimento, por exemplo, na opinião dos autores, é forjada por meio de marcadores sociais que podem ser

[...] sinais corporais, as formas de agir, de falar, de vestir, entre outras, evidenciadas pelos próprios sujeitos como substâncias particulares dos grupos sociais no momento em que são ressaltados os seus significados (ENNES, MARCON, 2014, p. 294).

Contudo, afirmam os autores, os marcadores não podem ser confundidos com a identidade. Os marcadores são produzidos pelos atores de acordo com o significado que estes lhe atribuem, portanto o que está em jogo nesta questão é a ideia do simbólico mediante o qual se firmam as fronteiras. A produção destas fronteiras expressa as relações de poder e de disputa envolvidas nos processos identitários.

O segundo elemento que deve ser considerado são as disputas que podem ser de caráter simbólico ou material. Aqui se observam, segundo Ennes e Marcon (2014, p. 296), “[...] o poder de nomear, autonomear-se e aceitar ou resistir à nomeação imposta pelo outro”. Com base nesta ideia os autores sugerem que esta relação de forças permite não somente classificar, nomear, hierarquizar como também abre a possibilidade de manifestação de [...] estratégias e expressões de transgressão e contestação que indivíduos e grupos sociais considerados subordinados possuem frente aos considerados hegemônicos, o enfoque sobre as denominações e sua contextualização é sempre revelador, principalmente quando percebemos como se estabelece sua relação com o que está em disputa (ENNES, MARCON, 2014, p. 297).

O terceiro elemento mencionado pelos autores diz respeito às normas que orientam as relações sociais, estas podem ser, por exemplo, os costumes, as tradições, as leis ou os discursos. Neste âmbito se retoma a ideia do poder por considerar-se a função



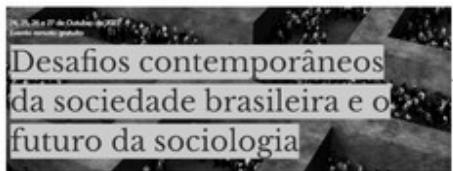
coercitiva das normas, mas neste caso não se trata de uma simples submissão ou adequação a elas e sim como elas são compreendidas pelos atores. Dessa maneira, os autores afirmam que as coerções são variáveis de acordo com as condições ou os contextos, para melhor esclarecimento citam os três sentidos que o sociólogo inglês Anthony Giddens atribui à coerção

- a) Coerção social: Coerção resultante do caráter do mundo material e das qualidades físicas do corpo;
- b) Sanção (negativa): Coerção resultante de respostas punitivas por parte de alguns agentes em relação a outros e
- c) Coerção resultante da contextualidade de ação, isto é, do caráter ‘dado’ de propriedades estruturais vis-à-vis com atores situados (GIDDENS, 2003, p. 208 *apud* ENNES, MARCON, 2014, p. 298).

Sobre este assunto, os autores concluem que a conformidade entre os indivíduos dentro de um grupo se constitui pela vontade, pelos seus interesses, suas possibilidades e pela representação. Ennes e Marcon (2014) ressaltam que o quarto elemento constitutivo dos processos identitários que, na opinião dos autores são relacionais e situacionais, são os contextos sociais e históricos onde eles são gerados e dos quais são resultado. Os contextos, segundo os autores, também são fatores pelos quais se constroem e se redefinem os marcadores identitários e as fronteiras, se redefinem porque toda vez que se produz uma mudança no contexto se produz a mudança das identidades e assim reciprocamente.

De acordo com Ennes e Marcon (2014, p. 299) o sentimento de pertença e a diferença se produzem “[...] em situações ou contextos em que indivíduos orientam suas ações a partir de outros indivíduos com os quais mantêm relações de disputas mediadas por normas”. Sendo assim, a partir deste contexto de fluidez, percebe-se a existência de pertencimentos múltiplos que são legitimados socialmente e esta é uma característica da contemporaneidade, nesta dinâmica está inserida, por exemplo, a imigração, pois é a partir do contexto que se constrói o sentido de pertencimento. Este sentido de pertencimento é questionado no contexto migratório visto que o imigrante se vê numa nova sociedade e assim os seus marcadores identitários passam a serem redefinidos.

Para melhor compreendermos a relação dos processos identitários no contexto migratório e suas implicações nas modificações corporais dos imigrantes, apresentaremos



a seguir a perspectiva relacional da sociologia para contextualizar a forma como é construída a ideia de imigrante a partir da experiência relacional.

Mustafa Emirbayer (1997), sociólogo americano, pronunciou-se a favor da abordagem relacional da sociologia. A “sociologia das relações” defendida pelo autor tem seu foco no aspecto relacional das ações sociais. Apoiado em vários autores, o americano reafirma que a dinâmica social é movida pelas “trans-ações” e esclarece que:

[...] o que caracteriza o enfoque transacional é que nele se consideram as relações em termos ou unidades dinâmicas por natureza, como processos em constante desenvolvimento e fluidez, em vez de laços estáticos entre substâncias inertes (EMIRBAYER, 1997, p. 294).

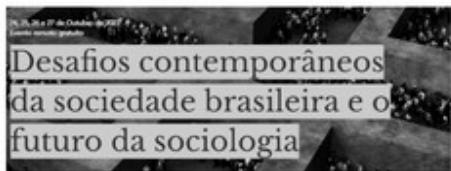
Partindo deste antecedente relacional, o que interessa neste estudo cujo contexto geral é o da imigração, também cabe indagar a forma como é construída a ideia de imigrante que se dá justamente a partir da experiência relacional. Muitas vezes o imigrante só se percebe como tal a partir de suas relações, inclusive com os acadêmicos que os leva a descobrir-se nessa condição, somos nós, os acadêmicos que categorizamos estes sujeitos como imigrantes quando eles se consideram apenas como estrangeiros.

Até aqui foram apresentadas as principais ideias no que diz respeito à identidade e sua construção considerando-a resultante de um processo e não como algo dado. A seguir iremos discorrer sobre a identidade e sua relação com o corpo para melhor compreensão de ambos no fenômeno migratório.

A Sociologia do Corpo e os processos identitários

A sociologia do corpo segundo David Le Breton é constituída por uma área da sociologia que se dedica “[...] à compreensão da corporeidade humana como fenômeno social e cultural, motivo simbólico, objeto de representações e imaginários” (LE BRETON, 2012, p.7) e aponta que as ações da cotidianidade tanto no que diz respeito ao domínio público quanto o privado é mediada pela corporeidade, “[...] Antes de qualquer coisa, a existência é corporal” (LE BRETON, 2012, p.7), afirma.

O corpo, declara o autor, “[...] é o eixo da relação com o mundo, o lugar e o tempo nos quais a existência toma forma através da fisionomia singular de um ator”. (LE



BRETON, 2012, p.7). O corpo como produtor de sentidos introduz o homem ativamente no espaço social e cultural. Independente da época ou do lugar em que ele nasceu, "[...] a criança está predisposta inicialmente a interiorizar e a reproduzir os traços físicos particulares de qualquer sociedade humana" (LE BRETON, 2012, p.8). Faz parte da condição social do homem o processo de socialização da experiência corporal que encontra seus momentos mais fortes na infância e na adolescência.

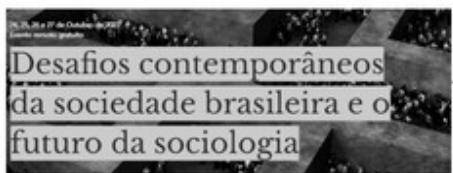
Le Breton (2012) aponta que nas pesquisas sociológicas o "[...] próprio referente 'corpo' é pouco questionado" (LE BRETON, 2012, p.24) isto porque ele é cercado de ambiguidades. A sociologia deve questionar-se, assegura, "[...] de que 'corpo' se trata?" (LE BRETON, 2012, p.24). "[...] É preciso ressaltar a ambiguidade que consiste evocar a noção de um corpo que só mantém relações implícitas, supostas, com o ator com quem faz indissoluvelmente corpo.

Qualquer questionamento sobre o corpo requer antes a construção de seu objeto, a elucidação daquilo que subentende (LE BRETON, 2012, p.24).

De acordo com Le Breton o corpo é muito mais do que uma coleção de órgãos ordenados segundo as leis da anatomia e da fisiologia, ele é antes de tudo "[...] uma estrutura simbólica, superfície de projeção passível de unir as mais variadas formas culturais" (LE BRETON, 2012, p.27). As representações, os imaginários sociais, a estrutura simbólica da corporeidade varia conforme as sociedades.

Depois de discorrer sobre a sociologia do corpo segundo David Le Breton, a seguir apresentaremos algumas noções do corpo como capital de Mirian Goldenberg como forma de estabelecer o nexo entre as ideias sobre o corpo na sociologia e o corpo brasileiro.

Em seu artigo, Mirian Goldenberg apresenta a visão de Gilberto Freyre sobre o corpo da mulher brasileira e suas transformações. De acordo com a autora, Freyre aponta que as mulheres brasileiras imitam modelos de beleza "norte-europeizantes" e traz também uma publicação do ano de 2000 da revista *Veja* na qual se divulga que as brasileiras estão entre as maiores consumidoras de tinta de cabelo no mundo.



Goldenberg (2006, p.116) afirma que [...] Freyre sugeria que as modas e os modismos não diziam respeito apenas às roupas ou penteados, mas também poderiam se tornar modas de pensar, de sentir, de crer, de imaginar, e assim, subjetivas, influírem sobre as demais modas.

Além disso a autora ressalta que na ótica de Freyre as modas servem de aliadas para aquelas mulheres que lutam contra o envelhecimento, sendo assim, o autor apontou “[...] portanto, que as modas surgem visando uma preocupação central da mulher brasileira: permanecer jovens” (GOLDENBERG, 2006, p.116).

Citando Marcel Mauss a autora afirma que esta preocupação tem crescido enormemente e que é “[...] através da ‘imitação prestigiosa’ que os indivíduos de cada cultura constroem seus corpos e comportamentos (...) Os indivíduos imitam atos, comportamentos e corpos que obtiveram êxito e que viram ser bem-sucedidos” (GOLDENBERG, 2006, p. 116-117).

Stéphane Malysse (2002) é um antropólogo francês que segundo Goldenberg (2006) discute a singularidade do corpo brasileiro. O referido autor faz uma comparação entre o corpo da mulher brasileira e o corpo da mulher francesa:

[...] enquanto na França, a produção da aparência pessoal continua centrada essencialmente na própria roupa, no Brasil é o corpo que parece estar no centro das estratégias do vestir. As francesas procuram se produzir com roupas cujas cores, estampas e formas reestruturam artificialmente seus corpos, disfarçando algumas formas (particularmente as nádegas e a barriga) graças ao seu formato; as brasileiras expõem o corpo e frequentemente reduzem a roupa a um simples instrumento de sua valorização; em suma, uma espécie de ornamento (MALYSSE, 2002 apud GOLDENBERG, 2006, p. 117).

De acordo com Goldenberg (2006), Malysse afirma que ao contrário do que acontece no Brasil onde as mães procuram se vestir como as filhas, na França são as filhas que se vestem como as mães, desta maneira a roupa é considerada como parte do processo de envelhecimento da aparência. “O corpo e a aparência juvenil é, no Brasil, um verdadeiro capital, como diria Pierre Bourdieu” (1987) (GOLDENBERG, 2006, p. 118). “Se o corpo é a imagem da sociedade, que sociedade é essa que está representada nos corpos dos brasileiros? (GOLDENBERG, 2006, p. 118). ”, indaga a autora.

Ademais Goldenberg (2006) traz dados do ano de 2003 em que se apresenta o

Brasil como segundo colocado no ranking mundial de procedimentos de cirurgias estéticas. Já no ano de 2020 foi publicado no blog da Sociedade Brasileira de Cirurgia Plástica (SBCP) dados da Sociedade Internacional de Cirurgia Plástica Estética (ISAPS), divulgada em dezembro de 2019 com a seguinte chamada: “O Brasil ultrapassou os Estados Unidos e se tornou o país que mais realiza cirurgias plásticas no mundo”. Na referida matéria se comunica que “ De acordo com o levantamento, em 2018, foram registradas mais de 1 milhão 498 mil cirurgias plásticas estéticas em nosso país, além de mais de 969 mil procedimentos estéticos não-cirúrgicos²”. Os procedimentos mais procurados são aumento mamário com prótese de silicone, a lipoaspiração está na segunda colocação, em seguida, o ranking elenca, em termos de frequência, as cirurgias de abdominoplastia, plástica das pálpebras (blefaroplastia), suspensão das mamas (mastopexia), redução mamária, plástica do nariz (rinoplastia) e cirurgia do rejuvenescimento da face (lifting facial).

Sobre as técnicas do corpo, diz Mauss (2003, p.401) “Entendo por essa expressão as maneiras pelas quais os homens, de sociedade a sociedade, de uma forma tradicional, sabem servir-se de seu corpo.”

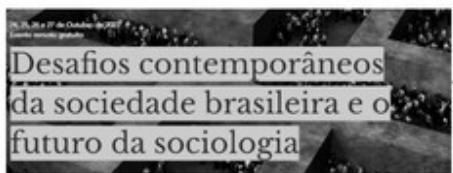
“Toda técnica propriamente dita tem sua forma. Mas o mesmo vale para toda atitude do corpo. Cada sociedade tem seus hábitos próprios” (MAUSS, 2003, p. 403).

Assim, durante muitos anos tive a noção da natureza social do “*habitus* ”. (...). A palavra exprime, infinitamente melhor que “hábito”, a “*exis*” [hexis], o “adquirido” e a “faculdade” de Aristóteles (que era um psicólogo) (MAUSS, 2003, p. 404).

Esses “hábitos” variam não simplesmente com os indivíduos e suas imitações, variam sobretudo com as sociedades, as educação, as conveniências e as modas, os prestígios. É preciso ver técnicas e a obra da razão prática coletiva e individual, lá onde geralmente se vê apenas a alma e suas faculdades de repetição. (MAUSS, 2003, p. 404).

Mauss sugere que para se ter uma visão clara dos fatos “[...] É o tríplice ponto de vista, o do “homem total”, que é necessário” (MAUSS, 2003, p. 405), esta tríplice consideração são o fator biológico, psicológico e sociológico. O autor argumenta que na

2 <http://www2.ciruriaplastica.org.br/blog/2020/02/13/lider-mundial/#sidewidgetarea>



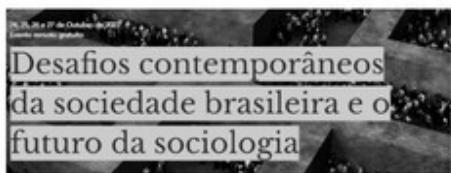
arte de utilizar o corpo humano o que predomina são os fatos de *educação*, entretanto assegura que a noção de educação pode sobrepor-se à de imitação já que, por exemplo, há crianças que têm facilidade de imitação, outras nem tanto, porém todas são submetidas à mesma educação. “[...] O que se passa é uma imitação prestigiosa. A criança, como o adulto, imita atos bem-sucedidos que ela viu ser efetuada por pessoas nas quais confia e que têm autoridade sobre ela” (MAUSS, 2003, p. 405). Desta maneira se verifica o elemento social do ato imitador (ordenado, autorizado, aprovado), “[...]. No ato imitador que se segue, verifica- se o elemento psicológico e o elemento biológico. Mas o todo, o conjunto é condicionado pelos três elementos indissoluvelmente misturados” (MAUSS, 2003, p. 405).

Ressaltando que as mudanças no corpo praticada pelo imigrante é o interesse da pesquisa considera-se importante a abordagem sobre o corpo a partir de sua relação com a saúde já que a estética tem recorrido a várias técnicas e especialidades da medicina, por exemplo, para cuidar do melhoramento do corpo e sua aparência.

Quando se trata de refletir sobre o corpo é comum encontrar abordagens que ressaltam sua relação com a saúde, Leal *et al.* (2010, p. 81) apresentam a noção de Saúde Coletiva que envolve a ideia da saúde como um fenômeno social e de interesse público.

Os autores apresentam um campo de estudo que se denominou Saúde Coletiva, fruto da “[...] inserção das ciências humanas e sociais no campo da saúde, a par dos movimentos sociais da reforma sanitária brasileira” (LEAL *et al.*, 2010, p. 80) esta ingerência extrapolou a ideia sobre a saúde que se limita ao plano biológico. Sendo assim, uma visão mais complexa da saúde supõe a influência dos fenômenos sociais, culturais e históricos, o que permite enquadrar, por exemplo, as cirurgias estéticas no campo da Saúde Coletiva.

Feita esta observação, a ideia de expor esta questão como sendo de interesse para a pesquisa está em que a identidade, corpo, saúde e beleza estão estreitamente ligadas. O corpo conforme já dito é apenas uma forma de pensar a identidade, este corpo demanda cuidados que têm a ver com a saúde não somente no sentido de ausência de doença, mas também no sentido de bem-estar. Este bem-estar passa pelo aspecto ou aparência do



corpo, que por sua vez é associada à beleza; recapitulando que as modificações corporais dos imigrantes são o objeto de estudo deste trabalho, tais modificações passam em grande parte pela esfera da saúde, ou melhor, dizendo, da medicina e suas técnicas. Daí que tenha sido feita a menção das cirurgias estéticas como tendo um lugar dentro da saúde coletiva.

A referência específica às cirurgias estéticas se justifica pela observação desta prática como um meio de modificação corporal que tem seus antecedentes no século XIX. Sander Gilman (2005) que é o autor que apresenta a história das cirurgias estéticas irá dizer que a filosofia moderna foi a grande incentivadora para que o indivíduo se “refaça” já que por meio do uso da razão ele passou a ter autonomia o que constitui um fator essencial que justifica procurar se submeter à cirurgia estética mediante a qual o indivíduo se “refaz” no sentido da modificação de seu corpo.

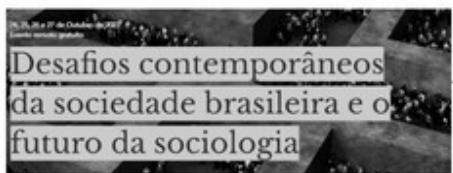
O cuidado com a aparência que está muito ligada aos discursos médicos e da estética que constroem o que Ferreira (2006) chama de “sentidos do corpo” fazendo referência às definições dadas ao corpo e os valores atribuídos a ele a partir destas acepções, o que muitas vezes se traduz na submissão dos corpos à ordem política e social.

Uma ideia que perpassa a noção que se tem de corpo é a questão da felicidade, por citar apenas dois exemplos, parafraseando Richard Miskolci (2006), o corpo que passa por modificações permite o ingresso para o universo da felicidade, assim, pode-se afirmar que a felicidade é o imperativo na procura da cirurgia estética. Francisco Ferreira (2006) irá se referir a ele como o passaporte para a felicidade.

Corpo e imigração: diferentes abordagens do corpo nos estudos migratórios

Autores de diversas áreas de conhecimento vêm discutindo o tema do corpo na experiência migratória. A seguir serão apresentadas algumas abordagens às quais tivemos acesso mediante pesquisa bibliográfica.

Mancillas – López (2016, p. 146) apresenta sua discussão sobre os itinerários do



corpo migrante propondo a ideia de corpo como “[...] unidade de análise para abordar itinerários e cenários que cruzam a experiência migratória”. Tendo como recorte os imigrantes bolivianos na cidade de São Paulo desenvolve seu trabalho com as trabalhadoras e trabalhadores da indústria têxtil. Sua proposta é a de traçar uma biografia coletiva dos corpos através dos lugares que estes imigrantes ocupam desde antes da sua mobilidade até o atual espaço em que se encontram.

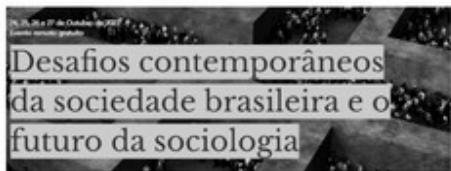
O trabalho de Nunes (2018) foi desenvolvido com base em pesquisa bibliográfica, seu objetivo foi “compreender o fenômeno migratório a partir do corpo como expressão cultural” sob a perspectiva da Psicologia cultural em diálogo com a fenomenologia filosófica de Merleau-Ponty segundo seu conceito de corpo. O trabalho apresenta a relação entre a cultura e o corpo migrante. Ishimori (2005, p.4) dá importância [...] às características corporais como uma forma de diferenciação entre as pessoas no Brasil a mesma autora afirma que: “[...] a distinção étnica no Brasil faz com que o fenótipo, certos traços físicos como o formato do rosto e corpo, tipo de cabelo, a coloração da pele etc., se transformem nas principais variáveis de distinção e até de discriminação” (ISHIMORI 2005, p.5).

A autora pretende evidenciar e contextualizar como são construídas a forma que os brasileiros dão sentido e significado às características fenotípicas dos indivíduos.

Ishimori (2005) situa esta construção da diferenciação em dois períodos, o século XIX e XX nos quais se insere a discussão sobre a teoria científica do branqueamento e as ideias sobre a miscigenação em que destaca a obra de Mário de Andrade e Gilberto Freyre e ressalta que o aspecto físico é uma dimensão onde se operam as distinções entre as pessoas.

A abordagem de Vale (2007, p.55) sobre o corpo no contexto migratório tem a ver com a experiência de transgêneros e a sua construção de feminilidade. O autor afirma que uma vez iniciado o processo de feminilização por meio de silicone, próteses e hormônio começam a viver a transformação de seus corpos com a qual precisam aprender a lidar e negociar juntamente com a injúria e violência no mundo social.

A migração para estes sujeitos aparece muitas vezes como uma oportunidade de



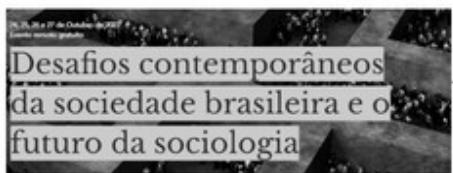
fugir da miséria e da violência ou como uma forma de encontrar liberdade longe do Brasil onde se relata haver maior violência contra eles:

[...] A itinerância (deixar a casa dos pais, mudar de cidade ou de país) constitui-se como condição por excelência para levar adiante o “processo de feminilização”. Se a transgressão de fronteira – especialmente mediada corporalmente – é característica dessa experiência, no caso da migração, esse deslocamento territorial assume um sentido específico, tanto no que se refere aos processos migratórios (...), como na constituição da subjetividade travesti e transgênero (VALE,2007, p. 61). Saraiva (2015) aborda a partir da morte o papel do corpo na manutenção da relação com o espaço de origem por meio de rituais funerários transnacionais, isto é, de acordo com a perspectiva transnacionalista, ideia “[...] remete aos múltiplos e permanentes laços sustentados entre o país de ‘origem’ e o país de ‘acolhimento’, nas facetas econômicas, políticas e culturais [...]” (SARAIWA,2015,p.154) a autora discute os rituais funerários dos imigrantes guineenses em Portugal que envolve a circulação de bens do defunto ou dentro do possível a repatriação do corpo para o lugar de origem.

Simone Hashiguti (2008) discute o tema do corpo a partir da perspectiva da linguagem. O corpo do qual trata é o corpo dos descendentes japoneses no Brasil, analisa seus gestos, as formas de nomeação como também aborda a história da imigração japonesa no Brasil. O que interessa em seu estudo é a transformação do ser biológico em sujeito simbólico.

Por sua vez Chiara Pussetti (2008) discute “[...] as ingerências com que os imigrantes se deparam quando o setor social intervém nas suas vidas – normatizando sua conduta, corporeidade e moral [...]” (PUSSETTI, 2008, p. 105).

A pertinência desta colocação está em mostrar até que ponto o corpo do imigrante é problematizado na experiência da mobilidade e desta forma apresentar outra possibilidade de reflexão sobre a imigração superando o olhar que trata o fenômeno apenas considerando sua implicância no campo econômico, jurídico-legal, demográfico etc.



O corpo, suas modificações na sociedade contemporânea e no contexto migratório

A constante insatisfação com o próprio corpo e a busca por sua adequação passa pela modificação por diversos meios e este é o tema desenvolvido por Gomes (2011); seu aporte encontra-se no que se refere à sistematização das principais formas de modificação corporal na sociedade contemporânea.

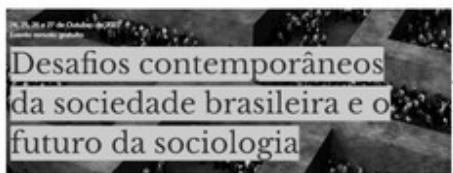
Outros apontamentos para compreender as ideias construídas sobre o corpo e suas modificações, Richard Miskolci (2006, p. 681) discute a questão da busca por adaptar o corpo seguindo os moldes de identidade impostos socialmente, o que tem levado a justificar e instituir diversas formas de controle dos corpos. Neste sentido afirma que disciplinar e normalizar o corpo tem suas consequências subjetivas, pois se trata de um “[...] assujeitamento psíquico-corporal [...]” (MISKOLCI, 2006, p. 689) e que neste processo a palavra-chave é adequação (MISKOLCI, 2006, p. 689).

Outra contribuição para o presente estudo foi a de Marcelo Ennes cujo enfoque está na formulação de “[...] uma hipótese de pesquisa sobre o uso de cirurgia plástica por imigrantes em dois cenários diferentes”, a transição dos séculos XIX para o XX e do XX para o XXI (ENNES, 2010, p. 163) nos quais a ideia comum sobre este tipo de procedimento cirúrgico se encontra em que este é um recurso diante da “[...] necessidade de ‘apagar’ marcas corporais que denunciam sua condição de estrangeiros e podem apresentar obstáculos no campo social e do trabalho” (ENNES, 2010, p. 163).

Em outro trabalho, Marcelo Ennes e Natália Ramos (2017) apresentam a reflexão sobre as cirurgias estéticas étnicas que contribuíram na compreensão das modificações corporais por meio deste procedimento e mais especificamente a partir da contextualização desta prática em sua relação com a sociedade de consumo no âmbito da interculturalidade e sua ligação com as migrações internacionais.

Estudantes estrangeiros, identidades e corpo na UFS

A população universitária estrangeira na Universidade Federal de Sergipe nos



períodos entre 2007 e 2017 de acordo com os dados fornecidos pelo Departamento de Administração Acadêmica (DAA) foram de 31 alunos de graduação com matrícula ativa nos diferentes campi da UFS, segundo estes dados foram verificadas seguintes nacionalidades: Angola, Argentina, Bolivia, Cabo- Verde, Equador, Espanha, Estados Unidos, França, Holanda, Itália, Japão, México, Moçambique, Paraguai, Peru, Portugal, Timor-Leste, Uruguai.

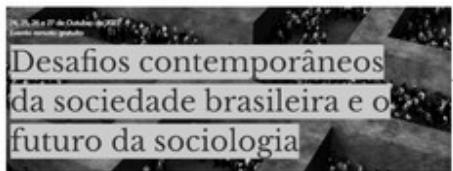
Dos entrevistados totalizamos cinco alunos da graduação e dois da pós- graduação sendo seis do sexo masculino e uma do sexo feminino. A idade média está entre 25 e 42 anos. Cinco deles residem no município de São Cristóvão e dois em Aracaju. O menor período de tempo residindo no Brasil é de 3 anos e o maior é de 13 anos.

Os dados coletados por meio de entrevista com roteiro semiestruturado permitiram averiguar a trajetória migratória, os motivos que os levou a migrar, a manutenção das relações ou vínculos com o país de origem, como é seu relacionamento com os brasileiros, e finalmente questões que abordam a percepção e modificação corporal.

Com a revisão de literatura que desenvolvemos neste trabalho foi possível compreender como estão interligados os eixos temáticos como processos identitários, imigração, sociologia do corpo, as diversas abordagens do corpo nos estudos migratórios e as modificações corporais. Cabe destacar que dentro dos estudos migratórios se encontra a mobilidade estudantil considerada como migração qualificada.

Os processos identitários evidenciados na trajetória migratória dos estudantes entrevistados passa pela autopercepção de seu ser diferente inclusive em sua corporeidade o que os levou a um desejo de se tornarem mais parecidos aos brasileiros ou seus conterrâneos que migraram para outros países e que estes têm como referência bem-sucedida de experiência migratória, o que está acorde com o que Mauss (2003) se refere à “imitação prestigiosa” isto é visto como uma forma de integração ou estratégia de parecer menos “diferente”.

A manutenção das relações e dos vínculos com o país de origem pelo menos entre

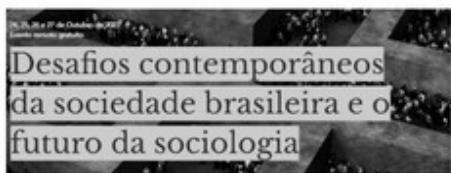


os estudantes timorenses demonstrou afetar a dimensão da corporeidade ficando assim corroboradas as hipóteses levantadas que dizem respeito ao vínculo que é mantido com o país de origem condiciona os tipos de modificações que podem realizar em seus corpos; as formas como são mantidos esses vínculos (mediante viagens, ligações, videochamadas) influenciam na decisão do imigrante de realizar alguma mudança em seu aspecto corporal, ou ainda; a modalidade migratória (trabalho, qualificação profissional, estudo, afetivo) condiciona a tomada de decisão pela alteração de sua aparência física.

Apenas um dos entrevistados manifestou expressamente a não realização de tatuagem por medo de sua mãe o que demonstra como o vínculo com o país de origem tem um “peso” na hora da tomada de decisão de realizar alguma mudança em seu corpo. No relato dos demais entrevistados se percebeu também a relação da mudança ou não de seu corpo, de sua aparência ligada aos seus vínculos ou relações com o país de origem ao relatarem a tipologia corporal em seu local de origem e o parâmetro corporal na sociedade de acolhida, neste caso o Brasil e seus desejos ou intenção de se assimilarem de alguma forma a este corpo que consideram também um corpo saudável.

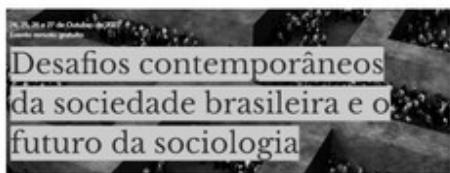
Três dos entrevistados mencionaram que seus traços étnicos especificamente os que marcam rosto não lhes trouxe dificuldade ou que tivessem passado por situações de preconceito, porém perceberam em seus corpos um desejo de se adequarem ao estilo brasileiro de vida saudável que passa pela prática de atividade física como a realização de esporte, frequentar academia e também mudar os hábitos alimentares.

Uma nova perspectiva dos estudos migratórios foi aberta para discussões futuras que é a mobilidade estudantil dentro da categoria das migrações qualificadas. Ademais outra modalidade migratória referente também à migração qualificada que é o caso dos professores é um universo a ser explorado em pesquisa posterior.



REFERÊNCIAS

- BARTH, Fredrik. Grupo étnico e suas fronteiras. In.: POUTIGNAT, Philippe, STREIFF-
- FERNART, Jocelyne. **Teorias da Etnicidade**. São Paulo: Editora Unesp, 1998. p. 187-227.
- CASTELLS, Manuel. **O Poder da Identidade**. 2. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2000.
- CAVALCANTI, Leonardo; OLIVEIRA, Antonio Tadeu; TONHATI, Tânia (Orgs.) A Inserção dos Imigrantes no Mercado de Trabalho Brasileiro. **Cadernos OBMigra**, Ed. Especial, Brasília, 2015. Disponível em: <https://portaldeimigracao.mj.gov.br/images/relatorio-anual/cadernos.pdf>. Acesso em 04 jun 2021.
- CUCHE, Denys. **A noção de cultura nas ciências sociais**. 2. Ed. SP/Bauru, 2002.
- de Oliveira, H. N., da Silva, C. A. M., & de Oliveira, A. T. R. Imigração internacional: uma alternativa para os impactos das mudanças demográficas no Brasil?. **Revista Brasileira De Estudos De População**, 36, 1–31. (2019). Disponível em <https://doi.org/10.20947/S0102-3098a0076>. Acesso em 04 jun 2021.
- DURAND, Jorge; LUSSI, Carmen. Teorias da mobilidade humana In: **Metodologia e Teorias no estudo das migrações**. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- EMIRBAYER, Mustafa. Manifiesto en pro de una sociología relacional. Traducción de Alicia María Fernández. Revisión final de Hanni Jalil Paier. Título original: “Manifest for a Relational Sociology”, en: The American Journal of Sociology, Vol 103:2, 1997. pp. 281-317. Versão em espanhol disponível em <http://dx.doi.org/10.18046/recs.i4.446>. Acesso em 18 mar 2020.
- ENNES, Marcelo A. Imigrantes, cirurgias plásticas e poder em dois tempos: contribuição para uma hipótese de pesquisa. **Revista de Ciências Sociais**. v. 41, n.2 (2010). Disponível em: <http://www.periodicos.ufc.br/index.php/revcienso/article/view/466>. Acesso em 20 mar 2020.
- ENNES, Marcelo A.; MARCON, Frank. Das identidades aos processos identitários: repensando conexões entre cultura e poder. **Sociologias**, Porto Alegre, ano 16, no 35, jan/abr 2014, p. 274-305. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/soc/v16n35/a10v16n35.pdf>. Acesso em 18 mar 2020.



ENNES, Marcelo A., RAMOS, Natália. Cirurgias estéticas étnicas e migração em Portugal e Espanha. **Revista Mediações** v. 22. n.1junho/2017. Disponível em <http://www.uel.br/revistas/uel/index.php/mediacoes/article/view/28918/pdf>. Acesso em 20 mar 2020.

ENNES, Marcelo A. **A construção de uma identidade inacabada:** nipo-brasileiros no interior de São Paulo. São Paulo: Editora UNESP, 2001.

FERREIRA, Francisco Romão. **Os sentidos do corpo:** cirurgias estéticas, discurso médico e Saúde Pública. 2006. Disponível em <http://www.arca.fiocruz.br/bitstream/icict/4465/2/239.pdf>. Acesso em 18 mar 2020.

FIGUEREDO, Luiz O.; ZANELATTO, João H. Legislação e políticas públicas voltadas à imigração no Brasil. **Passagens.** Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica Rio de Janeiro: vol. 8, no .2, maio-agosto, 2016, p. 252-274. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/3373/337345746004.pdf>. Acesso em 04 jun 2021.

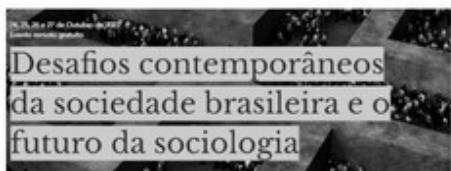
GERHARDT, Marcos. Colonos ervateiros: história ambiental e imigração no Rio Grande do Sul. **Esboços:** histórias em contextos globais. v. 18 n. 25 (2011). Disponível em: <https://doi.org/10.5007/2175-7976.2011v18n25p73>. Acesso em 04 jun 2021.

GILMAN, Sander L. **La sorprendente historia de la cirugia estética – Etnicidad y cirugia estética.** Cirugia Estética. “El tema de la cirugia estética queda definitivamente zanjado con este libro: no hay más que decir”. Vice, Nueva York. ED. Angelika Taschen, 2005. p. 62 – 133.

GOLDENBERG, Mirian. O corpo como capital: para compreender a cultura brasileira. **Arquivos em Movimento**, Rio de Janeiro, v.2, n.2, julho/dezembro, 2006. Disponível em <https://revistas.ufrj.br/index.php/am/article/viewFile/9083/7213>. Acesso em 10 mar 2021.

GOMES, Sergio. **As modificações corporais na sociedade contemporânea.** cad. psicanál.- cprJ, rio de Janeiro, v. 33, n. 25, p. 239-257, 2011. Disponível em: http://cprj.com.br/imagenscadernos/caderno25_pdf/20_CP_25_AS_MODIFICACOES_CORPORais_NA_SOCIEDADE. Acesso em 18 mar 2021.

HASHIGUTI, Simone Tiemi. **Corpo de Memória.** Tese (Doutorado em Lingüística Aplicada). Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem. Campinas, SP. 2008. Disponível em http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/269297/1/Hashiguti_SimoneTiemi_D.pdf. Acesso em 18 mar 2020.



ISHIMORI, Karina Midori. **Viver num corpo estrangeiro:** sentidos e significados do ter e ser um corpo oriental para adolescentes nikkeis insatisfeitos com suas fenotipias. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2005. Disponível em: <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17093>. Acesso em 02 Jul 2020.

LEAL, Virginia Costa Lima Verde *et al.* O corpo, a cirurgia estética e a Saúde Coletiva: um estudo de caso. **Ciência & Saúde Coletiva**, 15(1):77-86. 2010. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232010000100013>. Acesso em 18 mar 2020.

LE BRETON, David. **A sociologia do corpo.** 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

LESSER, Jeffrey. O hífen oculto. **A negociação da identidade nacional:** Imigrantes, minorias e a luta pela etnicidade no Brasil. São Paulo: UNESP, 2001.

MANCILLAS-LÓPEZ, Yolloxochitl. Narrar el cuerpo migrante: hacia una biografía colectiva de la inmigración boliviana en São Paulo. RBSE – **Revista Brasileira de Sociologia da Emoção**, v. 15, n. 43, p. 146-160, abril de 2016. ISSN: 1676-8965.

Disponível em <http://www.cchla.ufpb.br/rbse/Index.html>. Acesso em 27 fev.2020.

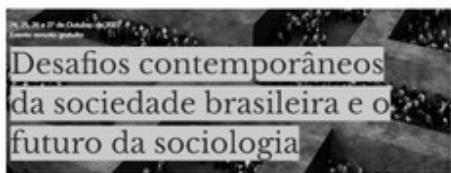
MISKOLCI, Richard. Corpos elétricos: do assujeitamento à estética da existência. **Rev. Estud. Fem.** [online]. 2006, vol.14, n.3, pp. 681-693. ISSN 0104-026X. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/S0104-026X2006000300006>. Acesso em 18 mar 2020.

NUNES, Gilberto Dias. O que o migrante traz no seu corpo ao cruzar fronteiras em busca de novos destinos? **Espaços**. Edição [v. 26 n. 2 Teologia e Mobilidade Humana](http://www.espacos.ittesp.com.br/index.php/espacos/article/view/226) (2018). Disponível em: <https://www.espacos.ittesp.com.br/index.php/espacos/article/view/226>. Acesso em 13 mar.2020.

PEDONE, Claudia; ALFARO; Yolanda. La migración cualificada en América Latina: una revisión de los abordajes teóricos metodológicos y sus desafíos. **Periplos- Revista de Investigación sobre Migraciones**. VOLUME 02 - NÚMERO 01 – 2018. p. 3-18.

PUSSETTI, Chiara. Corpos indóceis. Sexualidade, planeamento familiar e etnopolíticas da cidadania em imigrantes africanos. In: BAHIA, Joana; SANTOS, Miriam (org) **Corpos em Trânsito:** socialização, imigração e disposições corporais. Porto Alegre, Letra & Vida, 2008. Disponível em http://repositorio.ul.pt/bitstream/10451/20080/1/ICS_CPsussetti_Corpos_CLI.pdf. pp. 105-127 . Acesso em 18 mar 2020.

QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de. Do dizível ao indizível. In: LUCENA, Célia Toledo. **Pesquisa em Ciências Sociais:** Olhares de Maria Isaura P. de Queiroz. Textos CERU,



Série 2 – nº 10 – 2008.

SARAIVA, Clara. Ter o seu corpo morto aqui ou lá: transnacionalismos funerários entre imigrantes da Guiné-Bissau. **Debates do NER** v.2, N.28 (2015). Porto Alegre.

Disponível em <https://doi.org/10.22456/1982-8136.61272>. Acesso em 18 mar 2020.

SAYAD, Abdelmalek. O que é um imigrante? In: **Imigração ou os paradoxos da alteridade**. 1. Ed. São Paulo: Edusp, 1998. p. 45- 72.

SILVA, Maria Aparecida de Moraes. Contribuições metodológicas para a análise das migrações. In: DEMARTINI, Zelia de Brito Fabri, TRUZZI, Oswaldo Mario Serra (org.). **Estudos migratórios: Perspectivas metodológicas**. São Carlos: EdUFSCar, 2005. p. 53-86.

SIMMEL, Georg. O estrangeiro. **RBSE** .Vol. 4 .nº 12 . dezembro de 2005. Disponível em <http://paginas.cchla.ufpb.br/grem/SIMMEL.O%20estrangeiro.Trad.Koury.rbsdez05.pdf> . Acesso em 18 mar 2020.

UEBEL, Roberto Rodolfo Georg. A mudança da política externa brasileira para imigrantes e refugiados: o caso da imigração haitiana no início do século XXI. **Barbarói**. Santa Cruz do Sul. Edição Especial n.47, p.22-43, jan./jun. 2016 Disponível em: <http://dx.doi.org/10.17058/barbaroi.v0i47.9562>. Acesso em 04 jun 2021

VALE, Alexandre Fleming Câmara. O vôo da beleza: experiência transgênero e processo migratório. **OPSIS**, vol. 7, nº 8, jan-jun 2007. Disponível em: <https://doi.org/10.5216/o.v7i8.9399>. Acesso em 13 mar 2020.

VEGA, Cristina; GÓMEZ, Carmen. Una aproximación crítica a las movilidades en educación superior. Desigualdades en la economía global del conocimiento desde la circularidad migratoria. **Periplos- Revista de Investigación sobre Migraciones**.

VOLUME 02 - NÚMERO 01 – 2018. p. 70-88.

WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica conceitual. In: SILVA, Tomaz Da Silva (org.) **Identidade e diferença: a perspectiva dos Estudos Culturais**. Petrópolis: Vozes, 2000. p.7-72.